



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADEMICA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO LETRAS /ESPANHOL

FRANCISCO DE ASSIS CALIXTO PEREIRA

SALA DE AULA - ENTRE DIREITOS, DEVERES E DESEJOS.

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FRANCISCO DE ASSIS CALIXTO PEREIRA

SALA DE AULA - ENTRE DIREITOS, DEVERES E DESEJOS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **Letras** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Língua Espanhola.

Orientador: Prof.Esp Alessandro Giordano
Coorientador: Prof.Esp. Josimar Alves da Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

P436s

Pereira, Francisco de Assis Calixto.

Sala de aula [manuscrito]: entre direitos, deveres e desejos / Francisco de Assis Calixto Pereira.

– 2012.

26 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Esp. Alessandro Giordano, Departamento de Letras”.

1. Língua Espanhola 2. Ensino-Aprendizagem 3. Sala de Aula I. Título.

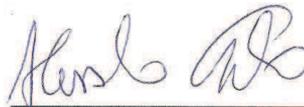
21. ed. CDD 372.65

FRANCISCO DE ASSIS CALIXTO PEREIRA

SALA DE AULA - ENTRE DIREITOS, DEVERES E DESEJOS

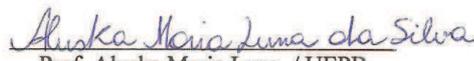
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Língua Espanhola.

Aprovada em 05 / 12 /2012.



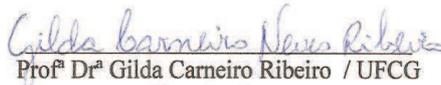
Profª Alessandra Giordano / UEPB
Orientadora

9,0



Prof. Aluska Maria Luna / UEPB
Examinador

9,0



Profª Drª Gilda Carneiro Ribeiro / UFCG
Examinadora

9,0

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho com todo amor e carinho a duas grandes mulheres, uma que me suportou durante toda minha história, que dedicou o seu tempo e amor, que alimentou com seu sangue e suor, que ensinou a ter caráter, que educou como poderia e que com seus ingredientes me transformou neste ser que hoje sou. Esta mulher é a minha mãe. A outra mulher é a que trocou o amor de sua mãe pelo singelo amor que posso dar. Ela me dá carinho, cuida de mim, me tolera, faz sorrir, e às vezes me faz chorar. É ela quem me faz transbordar de felicidade, a ponto de me fazer desejar gritar aos cantos, que eu a amo, esta que agora passa a segurar na minha mão, recebe meus abraços, me afaga com seus beijos, que olha em meus olhos, aquece meu frio e controla meu calor, e que em uma palavra eu a denomino de “amor”. Assim, que descrevo em poucas palavras a minha esposa.

Desejo ainda acrescentar mais duas pessoas. A meu pai, que me conheceu pouco, nada viveu comigo, pouco quis saber de mim, porém me amou e ainda me ama. Desta forma deu sua contribuição na formação de meu caráter e também na minha formação acadêmica. A minha irmã Lidiana Barbosa, que inesperadamente deu aquela força que tanto precisava. Neste momento, pego uma briga comigo, pois são tantos que gostaria de colocar em minha dedicatória, mas deixarei para outros trabalhos que virão.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo, por ter proporcionado força espiritual, saúde, paz, fé, harmonia, força de vontade, sapiência, respeito e persistência e entre tantas coisas o calor humano.

A minha mãe, ao meu pai e a todos da família, Por terem doado um pouco de si, por ter me dado à educação que podia, por me ensinar a ser quem sou.

Ao meu orientador Alessandro Giordano, que foi paciente e atencioso durante todo o processo.

Aos Professores da Banca Aluska Maria Luna Silva e Gilda Carneiro Neves Ribeiro que foram fundamentais nesta etapa avaliativa e claro minha gratidão por terem aceito esta função.

Ao amigo Tédson Braga que doou mais que a boa vontade, fez-se presente dando aquela força psicológica e material.

Não posso esquecer a coordenadora Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa que sempre me deu uma grande força para continuar e correr atrás dos prejuízos, sempre atenta para ajudar no que podia.

Também será inesquecível o apoio vindo do professor e amigo Josimar Alves da Silva, que nesta jornada foi mais que um coorientador.

Aos companheiros e companheiras da turma de espanhol que muito me toleraram e possibilitaram uma mega troca de conhecimentos e sei que muito mais recebi do que o que passei e ao fim do curso já éramos uma grande família e não sabíamos.

Em especial a Laís Dantas, a quem nunca vou esquecer seu ato de humanismo, coragem e justiça.

A todos os professores do curso, e aos amigos que são tantos.

E em especial, a minha esposa que em todos os momentos esteve comigo, no apoio moral, espiritual, material. Nos momentos bons e nos difíceis era ela quem ajudava, na saúde e na doença também, devo muito e não nego, é por estes e por outros motivos que a amo muito.

RESUMO

A Investigação procura percorrer as diversas formas e meios que um professor de língua estrangeira em especial o de língua espanhola deve avocar na sala de aula. O escrito defende que as dificuldades dos discentes se encontram apenas no momento da transposição do conteúdo, ou seja, o mentor não insere métodos de ensino claros e objetivos, a fim de facilitar o entendimento do aluno. Esse é um dos pontos principais que adotaremos. Em seguida, no decorrer do artigo, outro ponto de grande relevância, podendo até ser o de maior proeminência e que é do interesse do discente, no caso aqui, são as palavras de baixo calão e a facilidade que o aluno brasileiro encontra com a língua espanhola, maiormente por serem línguas irmãs haverá uma compreensão lacônica do brasileiro com a língua hispânica.

Palavras-chave: Espanhol, ensino, professor, palavras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
O NOVO DESAFIO	11
MOTIVOS PARA APRENDER TURPILÓQUIOS	16
OBRAS E AUTORES COM TURPILÓQUIOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

SALA DE AULA - ENTRE DIREITOS, DEVERES E DESEJOS

PEREIRA, Francisco de Assis Calixto¹

INTRODUÇÃO

As dificuldades de compreensão dos discentes da língua espanhola se encontram, na metodologia que o professor tem em passar o conhecimento, de tal forma que a didática não sabe as necessidades do aluno, e se torna vago o conhecimento adquirido pelo discente.

Esta pesquisa tem por escopo analisar a compreensão que os brasileiros apresentam nas diversas formas de ensino-aprendizagem da referida língua. Para tanto, investigamos a interação devido à irmandade da língua espanhola com a portuguesa, apresentamos as dificuldades que o aluno deixa evidente em relação à língua. Descrevemos também as estratégias de ensino e aprendizagem para um maior entendimento dos discentes.

Em vista disso, existe a necessidade de apresentar os diversos obstáculos que os estudantes encontram para aprender o idioma, haja vista que o ensino do espanhol nas escolas públicas é insuficiente e quem mais sofre com a atual situação, são os alunos de menor poder aquisitivo, pois seu acesso à língua é praticamente nulo, considerando que o material didático não chega adequadamente para eles.

Assim, encontramos gramática, atividades, textos, sentimos a falta da mídia visual e auditiva. Quando temos o texto, atividades e mídias, falta gramática, falta cultura informal. Referimos-nos cultura informal, no sentido literário mesmo, em que o ser que aprende uma língua, necessita ir além da formalidade, haja vista que ao migrar para outro país, ele terá contato com o formal e o informal desta referida nação que o mesmo escolheu para intercambiar seus interesses, e frisamos bem as necessidades até mesmo de se aprender palavras de conteúdo chulo, gírias de forma geral, caso contrário estaremos preparando cidadãos cegos, alienados, ou simplesmente estamos preparando para passar no vestibular, como se isso fosse sua única meta.

¹ PEREIRA, é conhecido como Tchoro Alearte, é Ator desde 1998, com DRT PB 847/2004; Escritor (Contista, Dramaturgo e Poeta), Artista plástico, e Arte educador. Atualmente faz parte do Grupo de Teatro Heureka – parceiro do SESI da Paraíba.

Neste sentido, sempre falta e não são poucos, os alunos da rede pública não são providos de recursos e torna-se difícil correr atrás dos prejuízos causados por falta de material didático voltado as reais necessidades deles. Os poucos recursos que chegam, não é suficiente para lecionar com a qualidade que desejamos, quando conseguimos materiais extras para trabalhar, muitas vezes são considerados pela falsa ética, pela sociedade hipócrita, por alguns gestores, e até mesmo pelos pais dos alunos e por fim, as leis, que são tantas, que por vezes são mal interpretadas, ou mesmo mal elaboradas que chegam a se contradizer, chegam a se confrontarem entre si e acabam por prejudicar o próprio ensino/aprendizagem entre o professor e o aluno, quando na verdade, deveria ajudar.

Neste estudo, adotamos a pesquisa bibliográfica por LAKATOS (2005) metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório. Programamos como procedimentos metodológicos das fontes bibliográficas dos conteúdos relacionados ao assunto proposto.

O novo desafio

O ensino da língua espanhola no Brasil é de fundamental importância para o nosso país, bem como, para nossos alunos, pois é uma opção a mais de uma língua estrangeira e que facilitará as futuras transações do comércio e/ou emprego entre brasileiros, espanhóis e países que adotaram esta língua, além de trocas culturais entre os países espanhóis e o nosso.

Assim, foi lançado o desafio de ensinar com a melhor metodologia que o professor pode dispor com o objetivo de propor uma linha de trabalho de uma perspectiva de ensino aprendizagem, apresentamos as estratégias, já que as línguas são muito próximas (português e espanhol), facilita a interação e o interesse dos falantes nativos portugueses com a língua em discurso. A afirmação acima é confirmada por Salinas (2005), que postula que:

A semelhança entre o espanhol e o português permite estabelecer, desde as primeiras classes, um ambiente de confiança para os alunos compreenderem, sem nenhuma dificuldade, a fala do professor. Quanto ao material existente teremos que fazer algumas modificações, ajustar os métodos e os procedimentos, todavia argumenta que o ideal seria trabalhar com a compreensão oral e escrita, facilitando a compreensão mútua, podendo-se usar textos autênticos não simplificados e relativamente sofisticados que contemplem aspectos culturais da língua alvo. Acreditamos que o processo auditivo é muito proveitoso para a devida compreensão da língua estrangeira estudada, outro procedimento seria a progressão ágil dos conteúdos possibilitando o uso comunicativo, temática ou interdisciplinar. (Salinas, 2005, p. 226).

Deste modo, com relação ao docente, este deve assumir postura clara, fundamentada, flexível e sensata, transformando a sala de aula em um ambiente de discussão de livre expressão das ideias a fim de despertar no aprendiz o interesse, bem como ir além da gramática e do léxico.

Goettenauer (2005) acredita que o professor deve conceder plenas habilidades ao aluno, a transitar por várias culturas. O importante é sensibilizá-lo para captar especificidades, indissociáveis de sua forma de viver e de comunicar-se, todavia assinala algumas atividades com um painel de fatos dos alunos acompanhadas de uma pequena biografia, uma linha do tempo com as datas de nascimento de todos e os fatos históricos importantes do ano em que cada um nasceu. A árvore genealógica, uma pesquisa sobre a origem do nome de cada um, um mural temático onde se registrem as opiniões dos alunos sobre determinado assunto. Essas são atividades que ativa a interação do aluno. Não basta realizar atividades ou aplicar um conteúdo visando apenas à fixação de estruturas de vocabulário.

Gordillo (2002) apud Santana (1996) aborda os efeitos que são produzidos as inovações tecnológicas no ensino-aprendizagem de língua estrangeira, e afirma que:

quando surgiu o gramofone a começo do século XX, já se deram conta de que este seria um recurso muito útil para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: os alunos poderiam ascender a registros de fala originais de informantes nativos mediante gravações. (GORDILLO 2002 p. 225, apud Santos, 1996, p 69).

Na citação, Santana refere-se ao uso da tecnologia em turmas de língua estrangeira, sem embargo, é importante observar as dificuldades dos alunos quanto aos recursos utilizados. Assim, torna-se um dos métodos que se fazem eficazes no processo de aprendizagem, pois como afirma o clichê: “Cada cabeça é um mundo”.

Trabalhar com alunos é trabalhar com cabeças pensantes, cabeças fervilhantes de ideias, conceitos e pré-conceitos, sabemos ainda que cada cabeça é um mundo e em uma sala de aula temos um universo, em que na sua maioria é composto por uma estrela (sol) e de 35 a 50 mundos (planetas) diferentes, que se reveza entre ser sol (professor/aluno) ou ser planeta (aluno/Professor) em uma permanente troca de conhecimentos. Deste modo, os alunos em grande maioria são jovens e adoram brincar, quebrar barreiras e conhecer o proibido e é aqui que a meu ver começa de verdade este trabalho, começa no proibido.

Nossos avós, tios e pais, receberam uma criação, ou melhor, uma educação diferente da nossa e em uma época bastante distinta, poucos, conheceram as tecnologias que hoje temos, viveram em uma época de escassa tecnologia, porém podiam sair na rua à noite, podiam sentar na calçada e contar historinhas passadas de geração a geração repletas de magia e criatividade. Ensinavam o respeito e faziam-se respeitar, para eles duplo sentido ou palavras denominadas de palavrões, era o fim do mundo quando pronunciadas de um adulto, de um adolescente ou uma criança.

As músicas que tocavam naquela época, eram canções que na letra traziam uma profunda reflexão que no mínimo sensibilizava o coração de alguém, eram feitas para cantar, encantar e conquistar, eram protestos musicais, eram declarações de amor, era a transposição dos sentimentos em uma comunicação que só a alma poderia entender. Nada nos leva a acreditar que as canções de hoje não tenham tal caráter, mas é fato e não há como negar que nossos pais se chocam com certas letras colocadas em certas melodias, pois hoje, nossas crianças ouvem e transmitem com maior facilidade o que antes era proibido até para os adultos, os chamados duplos sentidos e palavrões.

Depois que ouvimos as canções do cotidiano, observamos algumas crianças citando as ‘belas’ palavras e principalmente quando adentramos na sala de aula e fomos questionados por alguns alunos, sobre qual seria a palavra equivalente ao turpilóquio “X”, surgiram os questionamentos: quais os motivos que teremos para não lecionar as equivalências na língua estrangeira em que trabalhamos? E quando se trata do ensino médio?

Se fossemos classificar os ditos palavrões, quais dos citados seriam realmente palavras de baixo calão? E quais não seriam? Deveríamos sempre dizer não ao aluno? Ou simplesmente falar que não conhecemos, não somos autorizados a falar, não sabemos, não é permitido, não se deve fazer este tipo de pergunta.

Outro motivo para este trabalho ser elaborado foi o fato de que, em todas as escolas, ao nos apresentarmos como professor de LE havia pedidos de obscenidades nas aulas, pediam que citássemos palavrões em espanhol, algumas vezes as perguntas eram bem diretas: - Professor, como é filho da puta em espanhol? Como é burro em espanhol? Outras de forma indireta: Qual é a tradução da palavra concha em espanhol para o português? Esperando que a resposta fosse uma pachouchada. Tem aqueles alunos que pedem sem direcionamento a palavra: - Professor, diga uns palavrões em espanhol pra gente. Ainda tem outra coisa que nos chama atenção e aqui trazemos exclusivamente para a língua espanhola, o alfabeto espanhol:

A	La “A”	B	La “BE”	C	La “CE”	CH	La “CHE”	D	La “DE”
E	La “E”	F	La “EFE”	G	La “GE”	H	La “HACHE”	I	La “I latina”
J	La “JOTA”	K	La “KA”	L	La “ELE”	LL	La “ELLE” “DOUBLE ELE”	M	La “EME”
N	La “ENE”	Ñ	La “ENE”	O	La “Ó”	P	La “PE”	Q	La “CU”
R	La “ERE”	RR	La “ERRE” “DOUBL E ERE”	S	La “ESE”	T	La “TE”	U	La “U”
V	La “UVE”	W	La “UVE DOUBLE”	X	La “EQUIS”	Y	La “GRIEGA”	Z	La “ZETA”

Quando pronunciamos as letras “J”(jota-rôta), “Q”(cu) e “Z”(zeta-cêta) a turma inicia risos, como se estivéssemos falando palavras obscenas, isso nos leva a crê que palavras obscenas são simplesmente palavras mal intencionadas, pouco compreendidas, de grande popularidade e de pouco uso.

Leo Cruz posta em seu blog:

O palavrão por si só não basta para configurar a agressão verbal. Fatores como intencionalidade do ato de fala, entonação do enunciado proferido pelo falante, reação e interpretação do ouvinte são importantes para a identificação do palavrão. (<http://ponderador.blogspot.com.br/2008/11/como-trabalhar-o-palavro-em-sala-de.html>)

Deste modo, não causaria tantos risos, provável é que, quem chama não emite sorrisos espontâneos e sim, sorrir quando alguém rir da pronuncia e quem não tem costumes de pronunciá-las, quando as pronuncia já fala com sorriso tímido no rosto. É como se a palavra já viesse acompanhada do pensamento: que loucura! Vou dizer uma palavra feia (ou outro pensamento que as faz ficar com vergonha e como reação provoca sorriso).

Certa vez lecionávamos no ensino médio e ao fazer um ditado de palavras/objetos em espanhol, com o intuito de incitá-los a escrever em espanhol, com o passar do tempo, uma palavra/objeto provocou risos, não entendíamos o porquê, quando na terceira turma citamos a mesma palavra objeto e novamente os risos, abrimos os comentários com os alunos, explicamos a coincidência da palavra e dos risos.

Enquanto falávamos surgiu à imagem que os alunos faziam da palavra, antes que concluíssemos, pois enquanto pronunciávamos “Mesilla de cama” eles compreendiam “Me incita de cama” e formavam a imagem “Me incita na cama”. Assim, o que poderia

ser na tradução simplesmente “criado mudo” passou a ser, mesmo que por alguns momentos, a palavra/objeto ganhou o poder de maliciosidade, este fato ocorreu na turma de jovens, como também, com os adultos.

Nesta perspectiva, haja vista os motivos já mencionados, encontramos autores com obras publicadas nacional e internacionalmente, como: Plínio Marcos, Gabriel Garcia Marques, Lourdes Ramalho, Hermano José, Nelson Rodrigues e tantos outros não mencionados. Todos com seu jeito distinto de trabalhar o conteúdo abordado, porém não tão diferentes quando a palavra é qualidade, pois cada um trabalha com o objetivo poético de transmitir a realidade ou a representação da realidade de forma a não perder a qualidade e conseguiram magistralmente este feito, porque não empregaram a obscenidade só pelo fato de querer tornar pesada a personagem, e sim, pelo fato de que a personagem vivia ou viveu em um universo em que para ele, se fazia necessário o uso de turpilóquios em seu convívio, seja para expressar um protesto relativo a não aceitação de algo, pelo simples prazer de pronunciá-las, pela manifestação a dor, pancadas, raivas ou ainda como disse a atriz Eva Weiner, para o simples relaxamento, citando ainda a música “vai tomar no cú” cantada por muitos artistas de renome da nossa música brasileira.

Em comum acordo com a ideia da atriz americana Eva Weiner, encontramos a seguinte citação de Antônio Alves dos Santos que menciona em seu artigo publicado em www.administradores.com.br que: “muitas pessoas falam palavrões para descontrair um pouco, logicamente tudo dentro de certo limite”. E Tracy V. Wilson em tradução de HowStuffWorks Brasil nos informa que: “A maioria os associa á raiva ou frustração, mas eles são usados por vários motivos e em diversas situações. Xingar também satisfaz diversos objetivos em interações sociais” (Como funcionam os palavrões e xingamentos - pag 1).

Se não fosse relevante trabalhar com essa temática, por que então encontramos diversas pessoas interessadas nesse assunto? Alguns defendem, outros acusam, porém são de comum acordo que palavrões são palavras de uso em todas as línguas e culturas, e que são utilizadas por diversos motivos particulares, frisamos a afirmação acima com as palavras de Antônio A. do Santos, ao dizer que “todas as línguas têm palavrões, mas as palavras que são consideradas como tal e as atitudes que elas causam mudam com o passar do tempo.” (ALVES, Antônio A. - Palavrões e xingamento no trabalho – pag 1)

Acreditamos que de fato, não se deva sair por ai para dizer uma ou centenas de turpilóquios, e aqui dou razão aos mais velhos, pois se fossemos pai de uma garota,

educada e respeitada e ouvíssemos que ela fosse denominada de ‘rapariga’, mesmo sendo este um nativo de Portugal, seria difícil tolerar uma situação como esta.

Assim, defendemos que no currículo de língua estrangeira, deva existir uma disciplina em que os alunos tenham conhecimento de palavras de baixo calão, para que chegando a um país não diga “A” pensando que na verdade fosse “B” como é o caso da palavra “ligar” que em nossa língua brasileira é associado a uma chamada telefônica ou a uma conexão entre duas ou mais coisas, já em algumas regiões que utiliza a língua espanhola, ligar é algo mais que isso, é: o ato de ficar nu (anudar), é associado a um relacionamento sexual. Devemos evitar constrangimentos por falta de cultura popular local, por falta de conhecimentos da língua informal.

Neste sentido, citamos Tracy que nos alerta:

“Pessoas que estudam outras línguas normalmente aprendem primeiro os palavrões ou aprendem e usam palavrões de vários idiomas. Qualquer pessoa que tenha aprendido um idioma por imersão em vez de em sala de aula tende a falar mais palavrões e gírias. As que falam mais de uma língua normalmente usam palavrões de línguas diferentes, mas sentem que as palavras em seu idioma nativo causam muito mais impacto emocional. Por esse motivo, alguns políglotas começam a falar em um idioma secundário para se expressar a respeito de assuntos que são um tabu para eles”. (Citação retirada do artigo: Como funcionam os palavrões e xingamentos – de Tracy V. Wilson, em [HTTP://pessoas.hsw.uol.com.br/palavras-e-xingamentos.htm](http://pessoas.hsw.uol.com.br/palavras-e-xingamentos.htm)).

É notório que dentro ou fora da sala de aula as pessoas estão em contato com palavras obscenas, seja este contato através de pessoas de um ciclo familiar, por uma vizinhança escrupulosa, ou simplesmente pelo contato musical, pois elas terão escutado e provavelmente será um praticante, não que isso seja uma regra, mas que é uma grande probabilidade social. Neste caso, também é notório que se faz necessário a transposição de uma cultura linguística por completo, sem máscaras que ocultam a dignidade da livre expressão cultural nativa de uma língua.

Motivos para aprender turpilóquios

São diversos os motivos para se aprender ao máximo, todo o conteúdo de uma língua estrangeira, bem como é de grande relevância saber como se comportam os nativos da língua meta para não agredir os costumes de um povo ou de uma geração. Certa vez nos falou um senhor de nome Ilderlan Tsaiwa lá no Ceará, que na China se você comer e não arrotar é falta de educação, é uma ofensa, pois acreditam que se você não arrotou é porque não gostou. Para um melhor embasamento são palavras de Flávio

Crusoé em seu artigo publicado em: http://www.bexintercambio.com.br/artigos.cfm?artigo_id=9&titulo=Destino-do-m%C3%AAs:-Pequim cita “(...). Outro costume curioso na China é arrotar na mesa, depois de comer. Não arrotar significa que não gostou da comida”.

Assim, dizem que em certas tribos indígenas, quando lhes oferecem algo para comer não se deve recusar, pois ao fazer isso estará com certeza afrontando a tribo, e isso só ocorrerá, se você não conhecer os costumes de um povo ou nação, por estes e por outros motivos temos que procurar saber os costumes alimentares, como se comportam diante de certas situações, o que gostam de fazer o que não gostam.

É preciso saber se são hospitaleiros, se são agressivos, se são maleáveis, evitando que seus comportamentos entrem em choque com os habitantes visitados, é importante conhecer a história local, a origem da cultura popular. Quem são os artistas renomados? Quais as mais importantes personalidades? Qual a tendência cultural popular que existe no país e na região?

Quantas vezes o professor de LE chega à sala de aula e ao se apresentar como tal, não é surpreendido com uma interrogativa? Como se chama ônibus? Na verdade, o aluno tem interesse de perguntar: como se chama micro-ônibus em espanhol? Como se fala pescoço em Frances? O senhor nos ensina chamar palavrões em inglês? São diversas as abordagens dos alunos em nos propor que os ensinemos a falar mal, ou a pornografar uma ou outra palavra na língua estrangeira proposta. A nossa reação é sempre a mesma, ora ficar com pejo, ora brincar com respostas diversas, ora nos prendendo as questões éticas, as quais nos ensinam outros professores, a sociedade e as leis que inibem o bom funcionamento das coisas entre elas a educação.

Como nada surge por acaso, as perguntas não são vãs, apenas o aprendiz sendo criança ou não, são espontâneas e sinceras e perguntam o que realmente faz sentido, talvez elas não sejam conscientes, porém nos recordamos que certa assistimos um filme que, um estrangeiro falava com um nativo que tinha conhecimento da língua estrangeira e próximo um nativo que não tinha conhecimento da língua estrangeira, vamos nomeá-los respectivamente de “A”, “B” e “C”. Então, “A” referindo-se a “C” dizia muitas grosserias e “B” entendia tudo, mas ao traduzir para “C” traduzia por gentilezas e “A” também não tinha conhecimento da língua nativa daquela terra onde se encontrava.

Deste modo, “A” e “C” acreditavam no que “B” dizia, mesmo estranhando o tom vocal. Lembramos ainda outro momento engraçado sendo este proposital, programas de comédias nos quais um personagem cita uma palavra estrangeira e o outro

o interroga: Você está me xingando? Isso nos leva a crer que se aprendemos uma língua, precisamos aprender um pouco de tudo desta língua. Sobre esse aspecto, *o texto literário e o componente cultural no ensino do espanhol como língua estrangeira*, de Sara Araújo Brito, nos orienta que:

Para falar uma língua estrangeira é imprescindível conhecer alguns fatores da cultura e da sociedade, já que a língua será o veículo de comunicação entre a língua materna e a língua estrangeira. É indispensável conhecer a forma de vida, como se estrutura a sociedade, seus hábitos diários, alimentares, como se comportam em diversas situações do cotidiano, enfim, como vivem os falantes da língua meta. (o texto literário e o componente cultural no ensino do espanhol como língua estrangeira. (<[HTTP://WWW.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno09-12.html](http://WWW.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno09-12.html)>, p.4. Acessado em: 13 set 2011).

A autora acima, talvez nem tenha sonhado com a perspectiva de trabalhar com palavras de baixo calão, no entanto suas palavras vieram a calhar em nosso projeto, pois o pensamento de interculturalidade é semelhante ao nosso projeto. O aluno de língua estrangeira precisa aprender um pouco de tudo (mesmo que esse tudo inclua palavras obscenas) na língua meta e nada impede de usar este conhecimento nos momentos adequados segundo lhes convenha, como traduzir e interpretar uma obra clássica, ler ou escrever, dialogar ou simplesmente citar em momento de stress, todavia este conhecimento nos é privado sobre várias justificativas, não é ético que o professor nos ensine tais vocabulários, no ensino fundamental até ficamos calado, porque em sua maioria, desejam aprender como forma de bullying, porém, no ensino médio e superior, acreditamos ser necessário conhecer estes vocabulários.

Neste sentido, depois de certa prática de falar, escrever, ler e ouvir a referida LE, alguém nos chame para fazer a tradução de uma obra clássica (mesmo que não seja clássica), na qual contenha palavras de obscenidades, o que devemos fazer? Rejeitar um trabalho que pode nos render uma nota? Correr atrás de amigos, conhecidos, internet, fontes que não suprem as necessidades do momento? Como vamos fazer isso se nosso conhecimento sobre o assunto é limitado e reprimido por regras, que consideram as palavras impróprias? Teremos que modificar a obra? Não seria crime maior modificar a obra (muitas vezes até destruindo um trabalho, tudo por conta de um conceito inadequadamente absorvido? E como vamos nos justificar se não sabemos fazer a tradução? Teremos que aprender durante a tradução? Por exemplo, se vamos ensinar e escolhermos um conto de Gabriel Garcia Marquez como “El rastro de tu sangre en la nieve” e durante a leitura encontramos o seguinte trecho:

Lo único que lamentaba en aquel momento era haber desperdiciado una noche entera sin amor. La réplica de su marido fue inmediata. -Ahora mismo estaba pensando que debe ser del CARAJO TIRAR en la nieve -dijo-. Aquí mismo, si quieres. Nena Daconte lo pensó en serio. Al borde de la carretera, la nieve bajo la luna tenía un aspecto mullido y cálido, pero a medida que se acercaban a los suburbios de París el tráfico era más intenso, y había núcleos de fábricas iluminadas y numerosos obreros en bicicleta. De no haber sido invierno, estarían ya en pleno día. -Ya será mejor esperar hasta París -dijo Nena Daconte. Nena Daconte. - Bien calenticos y en una cama con sábanas limpias, como la gente casada. -Es la primera vez que me fallas -dijo él. - Claro -replicó ella-. Es la primera vez que somos casados. (El rastro de tu sangre en la nieve, pág. 5)

E agora? Deixaremos de dá a aula desejada? Cortamos este trecho e colocamos “[...]” no lugar da palabra? Modificamos a obra clássica sem permissão do autor? Neste caso o mais viável é trocar o texto ou comprar briga com os gestores das escolas? Ou ainda dizer que não tínhamos conhecimento da palavra ou assumir que não sabemos o que significa a palavra mesmo sendo um heterossemántico e viajar em quantas “maioneses” for possível, mas até quando podemos nos enganar dizendo ser feio chamar palavrões? E se é que realmente existem palavrões.

O que acreditamos é que foram designadas algumas palavras, para representar outras que algumas pessoas resolveram dar semelhança imagética, ou outro motivo qualquer, como a palavra “banana” (fruta – sentido original; pessoa manipulável e pênis). Isso nos lembra das gírias populares, que começa por brincadeira entre um grupo de pessoas e que depois se populariza em um grupo maior e se expandem com o tempo tornando vocabulário fixo de uma dada cultura.

Assim, se citamos uma lista de palavras consideradas de pachouchada, teremos palavras totalmente comuns ao uso de uma criança e que em certos momentos em contextos diferentes é dada como palavras de turpilóquios. Vamos listar algumas delas e dar significação separando-as em dois grupos. O grupo “A” - crianças e seu significado literário -, e o grupo “B” obscenidades/maliciosos e seu significado não literal, vejamos o que acarretará:

Grupo “A”		Grupo “B”	
Palavra	Significado	Palabras	Significados
Biscoito	Alimento	Biscocho (engolir El); Biscoito	“Pênis” (Sudeste) registra Souto Maior
Borboleta	Inseto	Borboleta	“Vagina” (MOTA; CARNEIRO DA SILVA); “Meretriz de alto bordo” (Sul) registram Tacla;

			Vitor. “Prostituta e homossexual”.
Anel	Aliança; elo; adereços de enfeites (jóias)	Anillo “Anel”	“Ânus” (SOUTO MAIOR).
Cavalinho.	Pequeno animal eqüino. Filhote de cavalo	Caballito “Cavalinho”	“Posição do ato sexual durante o qual a fêmea fica sentada por cima do macho (Sul), registra Souto Maior.
Ferro	Metal extraído de minério	Fierro “Ferro”	“Pênis” (Nordeste, Sul), registra Souto Maior. Idêntico emprego no Equador e México.
Banana	Fruta tropical	Plátano “Banana”	Mesma designação no México e Costa Rica. É um verbete corrente em todo Brasil. “Órgão sexual masculino”. “Há o gesto obsceno de dar bananas. Em Portugal (manguito, dar manguito [...] SOUTO MAIOR)
Todas as palavras do grupo “B” foram pesquisadas no “Dicionário erótico brasileiro”			

Ao nosso ponto de vista biscoito, borboleta, anel, cavalinho, ferro, banana e tantas outras palavras não são e certamente não serão palavras obscenas, mas não é o que o grupo “B” exemplifica, teremos então que proibir nossas crianças de pedir biscoito no café da manhã? Deve-se educá-las, para não tomar vitamina de banana? (pois banana engorda e faz crescer) E jamais deixar nossas crianças usar anel, por que são símbolos eróticos?

Mas, nossas crianças podem descer na boquinha da garrafa (É o tchan), elas sabem e dizem que “as pombas quando ‘avoam’ por incrível que pareça ficam sobrevoando, com seu cu ‘amirando’ em nossas cabeças” (Mamonas Assassinas), podem ‘chupar o que é de uva/menta’(Aviões do Forró), podem dizer “delicia, delicia, assim você me mata, ai se eu te pego ai,ai” (Michael Teló), “eita porra! puta que pariu!” (Cavaleiros do forró), mandar “enfincar” (Aviões do forró), “Kicar na latinha” (Garota Safada), falar abertamente “Putta que pariu! Meu gato botou um ovo mas gato não põe ovo, puta que pariu de novo puta que pariu!” (Trio da huanna).

Contudo, as crianças não podem falar ‘fresco’ que é significativo de novo (fruta fresca, peixe fresco), de suavidade (vento fresco, sombra fresca, água fresca), de sensível (quando alguém é muito sensível diz-se que é uma pessoa fresca) e não podemos aprender nem ensinar a tradução equivalente de tais palavras, nossas crianças vivem nas ruas, em casa e nas escolas vendo e ouvindo as maiores barbaridades.

Todavia, quando um professor coloca um filme como o de Frida Khalo, é imediatamente censurado porque há cenas provocativas da personagem, até parece que o cineasta teria que representar a história da artista plástica sem representar a vida social junto com a vida íntima. Um filme que retrata uma vida, contendo uma vasta cultura estrangeira, rica em qualidade, cheios de bons exemplos.

Assim, os adolescentes não podem ver um filme como esse, mas podem assistir a TV aberta com cenas piores. Nossas crianças podem passar numa calçada, diante de uma banca de revista e sem nenhuma censura ver capa de revistas e/ou capa de DVDs de mulheres e homens nus, a céu aberto.

É interessante observar que quando não somos 8 também não somos 80. Fazemos vista grossa para a quantidade de informações pornográfica de cunho grosseiro, que existem ao nosso redor no formato de imagem e áudio, mas executamos uma guerra contra o professor que tenta fazer o seu trabalho, se este passar vocabulários considerados de baixo calão na sala de aula de ensino médio ou superior.

É difícil imaginar que no Ensino Médio, sejam estudados textos pornográficos, se isso viesse a acontecer, como cita Maingueneau (2010) seria uma prova de que a sociedade teria mudado profundamente, que ela se funda sobre a rejeição de outras práticas.

Logicamente não estamos defendendo o direito de que se ensinem as crianças/adolescentes a dizer palavreados, nem desejamos que isso ocorresse nas escolas de forma simples, não queremos ver uma criança dizendo ofensas direcionadas a uma ou outra pessoa, seja ela quem for, até por que nosso projeto não foca no ensino infantil, nem no ensino fundamental e sim, no ensino médio e superior.

Desejamos a não censura do conhecimento. O mestre Bruce Lee dizia que devemos usar a força do oponente contra ele próprio, é o que pensamos, devemos sim ensinar, contudo, na hora certa e com a ‘arma’ (romance, conto, poesia, filmes...) com o intuito de educar, deixando claro o objetivo do autor ao utilizar tais termos em sua produção literária, apresentando que o autor ao escrever maledicências não está necessariamente fazendo isso pelo simples prazer de mencionar pornografia e sim, por

estar representando na literatura (escrita, televisiva, cinematográfica, rádiofusora e outros meios) a vida de uma pessoa ou nação, ou pelo simples fato de realizar uma crítica direcionada ou não direcionada.

Se palavras escrupulosas fossem realmente horripilantes, não seria dito por um padre (citamos o padre de Pilõezinhos/PB, que durante uma missa, ficou indignado por não obter recursos suficientes para arcar com as despesas da festa de São Sebastião. Falamos despesas da festa, despesas pessoais, não temos medo de citar, porque o líder religioso falou em microfone aberto, para quem quisesse ouvir em janeiro do ano de 2011).

Essas ‘palavras’, em dado momento de revolta, não estaria no vocabulário de pessoas renomadas, não estaria no cotidiano de um político, de um escritor (romancistas, contistas, poetas, dramaturgos e outros), não seria defendido por alguns profissionais como psicólogos que dizem serem os ‘palavrões’, as formas de eliminar stress de jogadores de futebol, dentre outros profissionais.

Obras e autores com turpilóquios

Há uma quantidade impressionante de autores que trabalham com baixo calão, e que nos chama a atenção principalmente pela qualidade poética encontradas nas obras, sem contar com os mais diversos estilos de se abordar a temática. Não são autores apelativos que citam os termos pelo simples desejo de atrair um público escrupuloso, por querer ganhar dinheiro com pornografia ou por querer arrancar risadas forçadas adquiridas por apelos obscenos.

Reconhecemos que existe este tipo de apelo literário e sem querer generalizar, isto ocorre com maior frequência nas comédias (teatrais e músicas). Ressaltamos que não desejamos generalizar, pois existem comédias sem uma única palavra obscena, como existem também comédias maravilhosas com obscenidades, mas que, no entanto, são tão bem postas que às vezes nem as percebemos e quando compreendemos, não encontramos malícia por parte do autor e sim por parte da personagem que menciona com meiguice e inocência.

Para validar o que estamos discutindo, destacamos trechos de obras de autores de renomes nacionais e internacionais:

CACILDA – (exasperada com o jornal na mão) Então era isto, hem? Era por causa disto que ele não me apareceu mais. Cachorro sem vergonha! Salafatório! Bigodete safado! Vai casar com a viúva Elisa Chaves! Viúva uma

ova! Elisa uma pinóia! A puta Lusinete, isto sim! (gargalha histericamente) – Mas eles vão ver de que Cacildão é capaz. Não, não vai ficar por isso não... Nunca! Chega de ser passada para trás. [...] (O glorioso retorno de Lili chaves, Hermano José – 1983, p. 32)

OLOR – Ah, desgraçado, a palavra “céu” no estandarte? – “Céu” é de igreja; igreja é de padre; padre é Inocêncio – perai que já vou lá. – (PULA SOBRE O ESTANDARTE’ ARRANCANDO O “É”, FICANDO APENAS O “C” E O “U”) – Tai o “Céu” que vocês merecem.

ZÉ – Como sempre intolerante/ Este partido arbitrário/ exaltou-se, e, num instante/ Mostrou-se reacionário/ Mas, com o povo onipotente/ E o cacete na mão/ A esta terra alviçareira/ Mostraremos que união/ Com “céu” ou “cu” na bandeira/ Venceremos a eleição.

TODOS – Com “céu” ou “cu” na bandeira/ Venceremos a eleição (A eleição, Lourdes Ramalho, p. 27)

LÍGIA (aos gritos) Ele me esbofeteou. Torcia meu braço e com a mão livre me batia na cara. Eu guardei a minha virgindade para o bem-amado. E o tempo passando, e eu cada vez mais virgem. Hoje, ele falou, rindo: - “Diz que és uma puta”. Respondi: - “Sou uma prostituta”. Berrou: - “Putá!” e eu disse: - “Sou uma puta!” Basta! (A serpente, Nelson Rodrigues. Nova Fronteira 1980, p. 21-22.)

VINA – (Escandindo as palavras.) Então você quer que eu lave a honra de sua filha, é?

MARIANA – (Humilhando-se.) É... era isso que eu queria de você...

VINA – (Arrogante) Apois escute o que vou lhe responder: quem tiver suas filha doida, amarre no pé da mesa ou cosa as buceta delas – que num tou pronta pra encobrir ruindade nem consertar cabaço de ninguém.(As Velhas, Lourdes Ramalho - Bagagem 2010, p.43).

BERECO – Por querer ou não, esse filho da puta me fez perder o sono. Desgraçado, vou te aprontar uma sacanagem, que você vai parar na solitária. Lá não enche o saco de putu nenhum. (Barrela, Plínio Marcos - Símbolo 1976, p.14)

Maingueneau (2010, p.20) cita que “quanto ao teatro, seu investimento na pornografia só pode ser marginal”. É o caso de *Barrela*, de Plínio Marcos, dentre outras peças do dramaturgo, em que apresenta uma sociedade crua e desumana, e os palavrões são marginalizados para criticar um mundo que está podre.

Neste sentido, cada aluno tem uma dificuldade de aprendizagem, e para tanto, se faz necessário aplicar o método que melhor condiz para a aula. Assim, é de suma importância que se utilize recursos de linguagem nítida, sem ruídos que atrapalhem a compreensão do aluno.

Nesta perspectiva, quando for utilizar um aparelho de som ou uma de imagem e/ou, imagem e som, que elas tragam a legibilidade das mensagens a transmitir, que se possa compreender o que dizer e que, se possam visualizar os detalhes importantes da imagem. Assim, o aluno poderá entender melhor o que lhe for proposto, e poderá responder com maior segurança o que lhe for indagado. Será diferente quando o

individuo se depara com um som sem equalização, que trás mais agudo ou mais grave, que fica incompreensível para o aluno que se depara com uma língua e com uma pronúncia que não é sua.

Deste modo, a própria literatura é uma grande arma benéfica do ensino, pode ser utilizada para a tradução de uma língua para outra (do português para o Espanhol e vice versa), elaboração de textos e frases na língua espanhola. Outro recurso que podemos utilizar, e que é de grande efeito são as dinâmicas e as diversas formas culturais, o professor pode propor um jogo de conhecimento da língua, uma dramatização com equipes diferentes, um suposto show musical e outros elementos, que servem para descontrair um pouco e deixar o aluno mais aberto para novas informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pressuposto central desta pesquisa era a programação dos métodos objetivos e atrativos que os docentes devem adotar influenciando o ritmo e o desempenho dos aprendizes. Por exemplo, as atividades mencionadas por Goettenauer (2005) fazendo com que o aprendiz brasileiro durante o processo de aquisição/aprendizagem, aprenda a usar a nova língua com mais facilidade e rapidez, bem como com maior número de acertos do que um falante de uma língua distante.

Assim, o docente que dispõe de vários métodos de ensino e que é bom observador, tem melhor desempenho para seu objetivo de ensino na sala de aula, isto vale para qualquer professor e lógico é de grande valia para os docentes da área de língua estrangeira.

Nossa intenção é que, tanto os alunos como os graduados, possam lidar com o melhor da metodologia de ensino (da língua estrangeira), e tornar este desafio uma prática gostosa de ensino-aprendizagem sem a limitação que atualmente ainda existe.

Neste trabalho, guiamos as diferenças fundamentais nos planos orais e semânticos. Nosso objetivo foi também de apresentar como as palavras de baixo calão, influenciam o desempenho dos alunos, no nível conversacional e escrito, propondo para a sala de aula práticas pedagógicas interacionais.

Portanto, focalizamos as estratégias de leitura/interpretação e, também, de tradução, usadas por falantes de português em leitura de textos em espanhol e vice-versa.

RESUMEN

La Investigación procura recurrir las diversas formas y medios que un profesor de lengua extranjera en especial el de La lengua española debe avocar en el aula de clase. El escrito defiende que las dificultades de los discentes se encuentran apenas en el momento de la transposición del contenido, o sea, el mentor no insiere métodos de enseñanza claros y objetivos, a fin de facilitar el entendimiento del alumno. Ese es un de los puntos principales que adoptaremos. En seguida, en el recurrir del artículo, otro punto de grande relevancia, pudiendo hasta ser el de mayor preeminencia y que es del

interese del alumno, en el caso acá, son las palabras del bajo niveles y la facilidad que el alumno brasileño encuentra con la lengua española, mayormente por corresponder a una lengua hermana habrá una comprensión lacónica del brasileño con la lengua hispánica.

Palabras clave: **Español, enseñanza, maestro, palabrotas.**

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério. *Linguagem código e suas tecnologias*. Brasília 2006, 239 p vol. I.
- BRITO, Sara Araújo. *O texto literário e o componente cultural no ensino do espanhol como língua estrangeira*. <[HTTP://WWW.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno09-12.html](http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno09-12.html)> acessado em: 13 set 2011.
- GOETTENAUER, Elzimar. *Espanhol língua de encontros*. In:SEDYCIAS, João. O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro. São Paulo: Parábola. 2005, p.226.
- JOSÉ, Hermano. *O glorioso retorno de Lili Chaves*. Peça teatral. – Campina Grande, 1983.
- LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório*. 6ed. – São Paulo: Atlas, 2001.
- MARCOS, Plínio. *Barrela*. Peça teatral. – São Paulo: Ed.Simbolo, 1976.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *El rastro de tú sangre en la nieve*.<<http://www.ciudadseva.com/textos/cuentos/esp/ggm/rastro.htm>> acessado em 14 jun 2011.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *X Seminário de dificuldades específicas de La enseñanza Del Español a luso hablantes*, São Paulo, 2002 298 p: il.
- RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *As Velhas*. Peça teatral. – Campina Grande: Ed.Bagagem, 2010.
- _____. *A eleição*. Peça teatral. Campina Grande: Ed.Bagagem, 2010.
- RODRIGUES, Nelson. *A serpente*. Peça teatral. – Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- SALINAS, Arturo. *Ensino de espanhol para brasileiros:destacar o uso ou a forma?* In:SEDYCIAS, João. O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro. São Paulo: Parábola. 2005, p.226.
- SILVA, Marinalva Freire da. *Dicionário erótico brasileiro*. João Pessoa. Idéia, 2004.